



ARTIGO | Fluxo contínuo

Infâncias Imigrantes na Educação Infantil: Uma Análise Reflexiva no Âmbito da Rede Municipal de Educação de Florianópolis

Immigrant Children in Early Childhood Education: A Reflective Analysis within the Florianópolis Municipal Education System

La infancia inmigrante en la educación infantil: un análisis reflexivo en el ámbito de la red municipal de educación de Florianópolis

Jeruza da Rosa da Rocha
Altino José Martins Filho

RESUMO

Este estudo resulta de pesquisa de estágio pós-doutoral e traz como temática as infâncias de crianças imigrantes presentes na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, enfatizando o potencial das culturas que elas produzem ao socializar e interagir com outras crianças e adultos. A metodologia de pesquisa é de inspiração etnográfica, realizando a escuta atenta às crianças, às famílias e aos profissionais e o registro em diário de campo, sendo os dados explorados com base na análise interpretativa. As manifestações culturais das crianças imigrantes ocorrem de forma implícita e explícita nos modos de ser e estar mergulhado em diferentes culturas. Essa manifestação acontece nas brincadeiras, nas interações entre pares, nas cantigas e narrativas de histórias. O compartilhamento das suas lembranças, em especial, nas brincadeiras, oferta aos profissionais elementos significativos para fortalecer práticas educativas voltadas para uma escuta atenta, sensível e respeitosa das culturas originárias das crianças imigrantes.

Palavras-chave: Educação Infantil; crianças imigrantes; culturas infantis.

ABSTRACT

This study is the result of postdoctoral research and focuses on the childhood experiences of immigrant children in early childhood education within the Florianópolis Municipal Education Network, emphasizing the cultural potential they unlock as they socialize and interact with other children and adults. The research methodology is ethnographically inspired, involving attentive listening to the children,

families, and professionals, as well as field notes, with the data analyzed through interpretive analysis. The cultural expressions of immigrant children occur implicitly and explicitly in the ways they are and exist immersed in different cultures. This expression takes place in play, in interactions among peers, in songs, and in storytelling. Sharing their memories, especially through play, provides professionals with significant insights to strengthen educational practices focused on attentive, sensitive, and respectful listening to the cultures of origin of immigrant children.

Keywords: Early Childhood Education; immigrant children; children's cultures.

RESUMEN

Este estudio es el resultado de una investigación realizada durante unas prácticas posdoctorales y tiene como tema la infancia de los niños inmigrantes que asisten a la Educación Infantil de la Red Municipal de Enseñanza de Florianópolis, haciendo hincapié en el potencial de las culturas que estos generan al socializarse e interactuar con otros niños y adultos. La metodología de investigación se inspira en el enfoque etnográfico, prestando una escucha atenta a los niños, a las familias y a los profesionales, y registrando los datos en un diario de campo, que se exploran a partir de un análisis interpretativo. Las manifestaciones culturales de los niños inmigrantes se producen de forma implícita y explícita en las formas de ser y de estar inmersos en diferentes culturas. Esta manifestación tiene lugar en los juegos, en las interacciones entre compañeros, en las canciones y en la narración de historias. El hecho de compartir sus recuerdos, especialmente en los juegos, ofrece a los profesionales elementos significativos para reforzar prácticas educativas orientadas a una escucha atenta, sensible y respetuosa de las culturas de origen de los niños inmigrantes.

Palabras-clave: Educación Infantil; niños inmigrantes; culturas infantiles.

Introdução

A complexidade da infância reverbera na complexidade das pesquisas com crianças (Martins Filho, 2011).

Este artigo resulta de estudo conduzido pela primeira autora, no âmbito do estágio pós-doutoral em Educação, e tematiza as infâncias de crianças imigrantes presentes na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, região Sul do Brasil, enfatizando o potencial das culturas infantis produzidas entre pares. Culturas que se encontram e que as crianças imigrantes socializam ao interagir com outras crianças e adultos no contexto educativo e pedagógico da Educação Infantil, em uma dinâmica de vai e vem de culturas. Os objetivos da pesquisa foram: a) proporcionar aproximações com crianças e professoras da Educação Infantil para observar situações envolvendo crianças imigrantes; b) sistematizar elementos para ampliar o leque de possibilidades

para a formação docente, a organização e o desenvolvimento de propostas curriculares e pedagógicas que salientem as especificidades, idiosincrasias, subjetividades, objetividades e a heterogeneidade das culturas infantis, em especial, das crianças imigrantes.

Entendemos oportuno tecer e ampliar discussões em torno dos estudos sobre as culturas infantis e a participação das crianças na sociedade como sujeitos de direitos e cidadãos no presente. Justificamos o aprofundamento das produções culturais de crianças imigrantes e seus modos de ser e estar no mundo, com a intenção de mobilizar problematizações sobre as práticas curriculares, práticas educacionais e pedagógicas e o fazer-fazendo da docência com as infâncias na Educação Infantil (Martins Filho, 2013). Nossa abordagem teórica e metodológica articula estudos do campo da Sociologia da Infância e da Pedagogia da Infância, buscando, desse modo, estabelecer aproximações com as crianças imigrantes.

Os estudos sobre as infâncias, considerando as suas heterogeneidades e singularidades, iniciaram durante a trajetória de formação da primeira autora como graduanda em Pedagogia. Durante o tempo de formação inicial, participou de grupos de pesquisas que realizavam discussões no campo da Sociologia crítica, estudando autores como Pierre Bourdieu e os conceitos de capital cultural, *ethos* de classe e violência simbólica, que se ampliaram na pós-graduação, nos cursos de Mestrado e Doutorado em Educação. Os estudos com tais referenciais foram se constituindo sobre algumas indagações concernentes à concepção de crianças e infâncias, presentes em comunidades tradicionais, incluindo suas produções culturais e a ressignificação das mesmas em contextos educativos escolares.

Entre 2012 e 2014, conduziu, no curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, a dissertação intitulada *Prática Pedagógica e Participação das Crianças na Escola* (Rocha, 2014). A pesquisa teve como objetivo compreender as formas de participação das crianças do terceiro e quarto ano no contexto da sala de aula. O estudo foi realizado em uma escola situada na Capilha, região do Taim, no município de Rio Grande, no extremo sul do Estado do Rio Grande do Sul. Por meio da observação em sala de aula, elementos da prática pedagógica desenvolvida pela professora referência das turmas foram explorados, articulando três conceitos:

prática pedagógica e educativa, participação das crianças e cultura de pares. A pesquisa evidenciou produções culturais das crianças em diferentes espaços educativos da escola (refeitório, pátio e sala de referência) bem como em situações típicas das crianças em sala de aula, derivadas da sua interação com as práticas pedagógicas mobilizadas pela professora. O estudo ainda despertou inquietações sobre as crianças do presente, a heterogeneidade das infâncias, seus atravessamentos culturais, sociais, demográficos, de gênero e etnia em práticas curriculares e pedagógicas em contextos escolares. Além disso, explorou e instituiu uma abordagem metodológica denominada “caminhar com as crianças” (Rocha; Nörnberg, 2021). O caminhar com as crianças permite à pesquisadora adotar uma postura atenta às pistas por elas oferecidas sobre como viviam e entendiam a cultura comunitária e a cultura das famílias, em especial, das práticas da pesca e da lida no campo. Caminhar com as crianças favorece uma maior aproximação às culturas infantis e oferece condições para a escuta sensível de suas vozes, assim como das leituras que realizam sobre as situações que vivenciam no cotidiano de suas práticas culturais e escolares e das relações que estabelecem entre si e com os adultos. Ao finalizar o curso de Mestrado, em 2014, ingressou no Núcleo Educamemória/FURG como pesquisadora colaboradora em ações de pesquisa e extensão desenvolvidas em uma comunidade rural, na localidade de Nova Gonçalves, município de Canguçu/RS. Uma comunidade formada por agricultores familiares descendentes de pomeranos e quilombolas.

No ano de 2015, concomitante ao início dos estudos no curso de Doutorado em Educação, também no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas, reorganizou as intenções de pesquisa buscando articular as ações de extensão que realizava com a da pesquisa de tese, que, nesse momento, tinha como campo empírico uma escola da localidade de Nova Gonçalves, e como participantes e colaboradores da pesquisa as crianças e as professoras do 4º ano. Vivenciar a pesquisa e a extensão proporcionou a participação em eventos, a produção de publicações científicas e o ministrar cursos de formação para professoras da região Sul do Rio Grande do Sul.

A tese de doutorado *Participação e relações interculturais entre meninas e meninos e suas professoras em contexto escolar* (Rocha, 2019) discutiu as

interculturalidades, as práticas educativas e a participação das crianças a partir da seguinte questão de pesquisa: Como, na escola, meninas e meninos participam, manifestam-se e concebem as relações interculturais em práticas pedagógicas e educativas que ocorrem entre pares e com as professoras? Os aprofundamentos teóricos e metodológicos desencadearam aproximações conceituais entre o campo da Pedagogia, da Sociologia, da Filosofia com os Estudos das Crianças e a Sociologia da Infância para problematizar as produções culturais das crianças pomeranas e quilombolas mobilizadas e reproduzidas dentro e fora da sala de aula, sobretudo, durante o período do recreio escolar.

Em 2022, inicia atividade profissional na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis/SC como professora efetiva da Educação Infantil, sendo lotada no Núcleo de Educação Infantil Municipal Clair Gruber Souza. A partir desse momento, passa a interagir com grupos de crianças de diferentes idades, vivenciando desafios e (re)construções do fazer-fazendo docente com as infâncias e as suas produções culturais. Cotidianamente passa a acompanhar a chegada de crianças originárias de outros estados e países na instituição educativa, o que mobilizou o (re)pensar a própria proposta curricular da referida Rede Municipal para a Educação Infantil, assim como a formação docente e as especificidades das culturas infantis e seus entrecruzamentos no cotidiano e na vida diária com as crianças e também entre elas.

Assim, durante o estudo de pós-doutoramento, aprofundou aspectos sobre a presença e as culturas de crianças imigrantes, explorando o seu processo de inserção em outro país, em especial, no contexto da Educação Infantil, assim como o acolhimento por parte de seus pares, as percepções das famílias, as especificidades de tais culturas na mobilização da proposta curricular do próprio município e das propostas educativas e pedagógicas desenvolvidas pelas profissionais no interior das instituições educativas.

Após esse breve preâmbulo, o texto organiza-se em três seções. A primeira seção discorre sobre as contribuições de teóricos do campo das ciências da educação e de documentos legais que problematizam as crianças e suas infâncias. Seguindo, apresentamos os caminhos teóricos e metodológicos construídos para a geração e análise dos dados. Finalizamos o texto trazendo algumas reflexões que afirmam as manifestações culturais das crianças

imigrantes na Educação Infantil como elemento fecundo para repensar as propostas pedagógicas nas instituições e nos documentos oficiais da rede de Florianópolis.

Contributos legais e conceituais às infâncias imigrantes no contexto da Educação Infantil

É oportuno destacar os desafios que circunscrevem a docência na Educação Infantil e suas transformações ao longo de sua historicidade, das políticas e dos documentos legais que organizam e direcionam as propostas curriculares e pedagógicas para as crianças de 0 a 5 anos e 11 meses. Começando com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB-9394/1996), que institui a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, que torna obrigatória a inserção de crianças de 4 e 6 anos e facultativo para a etapa da creche, de zero a três anos. A LDB 9394/96 em seu Artigo 29 dispõe sobre a finalidade da Educação Infantil como “o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade” (Brasil, 1996). Cabe salientar que a Constituição Federal de 1988, em seu capítulo III, Artigo 205, garante a educação como direito de todos e como responsabilidade do Estado e da família, o que desafia a pensar sobre a presença, a permanência e o acesso de imigrantes e de suas crianças nas instituições educativas brasileiras.

Outro aporte legal que ampara as propostas educativas e pedagógicas para a Educação Infantil e nos indaga sobre a inserção e as especificidades das manifestações culturais de crianças imigrantes no fazer docente de profissionais são as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009). O Artigo 6º, que trata dos princípios éticos, estéticos e políticos, prima pelo respeito às diferentes culturas, identidades e singularidades, pela liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais e pelo direito à cidadania. Nessa direção, apresentamos alguns questionamentos sobre a produção das culturas infantis pelas crianças imigrantes na Educação Infantil. Enquanto pedagogos que atuam nesta etapa da educação com essas crianças, problematizamos sobre como as propostas curriculares e pedagógicas

organizam-se e desenvolvem-se na garantia de tais princípios às infâncias imigrantes, ou melhor, como garantem ou não as manifestações culturais das infâncias imigrantes no contexto da Educação Infantil.

É importante ainda atentar para a Matriz Curricular para a Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Básica, lançada em 2016 pela Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, que propõe o rompimento das estruturas monoculturais e eurocêntricas ainda em curso nas propostas, diretrizes e currículo das instituições educativas. Além disso, apresenta conceitos como raça e etnia e traz uma ressignificação dos mesmos, com base nos pressupostos oferecidos pelo Movimento Negro, como valorização da cultura africana, estimulando a reflexão sobre o sentido político dos termos. A Matriz ainda ressalta que é substancial a “construção de um currículo não para os negros e sim com os negros” (Florianópolis, 2016, s./p.), pois é fundamental considerar o seu legado econômico, cultural, social e a sua presença política na sociedade, bem como dos povos europeus, indígenas e asiáticos. Com isso, indagamos sobre este documento frente à presença de (re)produção e (re)interpretação das culturas das crianças imigrantes.

As culturas infantis já anunciadas pelo sociólogo brasileiro Florestan Fernandes (2004), em suas pesquisas em um bairro judaico, denominado de Bom Retiro, em São Paulo, com crianças de variadas faixas etárias, nos permite pensar que o processo de socialização não ocorre de forma linear e individual. As crianças são e estão atentas ao mundo dos adultos, sanam suas necessidades e interesses por meio de uma releitura criativa e potente dos contextos sociais e culturais aos quais pertencem. Dessa forma, as manifestações das culturas infantis se dão no constante movimento de participação e de reinterpretação que as crianças fazem do mundo que as rodeia. Neste estudo, em especial, as manifestações e a participação das crianças são oportunidades únicas para compreendermos as culturas das crianças imigrantes produzidas no contexto coletivo da Educação Infantil.

Os Estudos da Criança trazem relevantes contribuições pois, como afirmam Martins Filho e Prado (2011, p. 04), “as crianças são sujeitos privilegiados para os(as) pesquisadores(as) perguntarem, observarem, conversarem, fotografarem, filmarem e registrarem, trazendo as diversas formas que as crianças vivem suas infâncias”. Na mesma direção, compartilhamos da

posição de que “a interpretação das culturas infantis, em síntese, não pode ser realizada no vazio social e, necessita sustentar-se na análise das condições sociais em que as crianças vivem, interagem e dão sentido ao que fazem” (Sarmiento, 2005a, p. 27). É relevante considerarmos as vivências atuais das crianças imigrantes e de suas experiências culturais originárias, destacando que a cultura é dinâmica e, constantemente, reinterpretada pelos sujeitos que carregam consigo modos de pensar, agir, sentir, expressar-se e comunicar seus conhecimentos e sua pertença étnica. Neste sentido, é necessário compreender que as vivências culturais, sociais, demográficas, de gênero e étnicas atravessam e demarcam as infâncias. Portanto, as crianças, “em variados tempos e espaços, vivem a sua experiência de infância de modos muito diferenciados, assim, a infância é uma experiência heterogênea” (Barbosa, 2007, p.1065). A heterogeneidade que caracteriza os modos de viver as infâncias, quando visibilizada nos processos educativos com as crianças, permite adensar, ampliar e reconhecer saberes de diversos grupos socioculturais potentes aos repertórios culturais das crianças.

Corsaro (2011), em seus estudos relacionados à produção cultural das crianças, faz menção às manifestações culturais das crianças como processos interpretativos, coletivos e criativos, questionando os processos de socialização das crianças compreendidos como internalização de conhecimentos de forma linear e como preparação ao mundo adulto. O autor explica que as crianças selecionam e ressignificam saberes, manifestando e produzindo culturas de forma criativa e inventiva mediante a apropriação “de informações do mundo adulto para produzir suas próprias culturas” (Corsaro, 2011, p. 53), conceituando a produção cultural entre as crianças como “cultura de pares”. Com isso, as famílias carregam consigo suas pertenças étnicas e culturais, e estas permeiam a vida das crianças, que, igualmente, são capazes de reinterpretar e produzir saberes próprios.

De acordo com Corsaro (2011), as crianças são agentes culturais e protagonistas que compreendem o mundo a partir de suas próprias experiências e perspectivas. O autor critica três aspectos comumente observados nas abordagens tradicionais, os quais ajudam a combater a visão adultocêntrica: primeiro, a tendência de analisar as crianças sob a ótica dos interesses específicos dos adultos; segundo, a perspectiva antecipatória, que se preocupa

mais com o que as crianças se tornarão no futuro do que com o que elas são no presente; terceiro, os preconceitos gerados ao não considerar as crianças como seres sociais plenos, mas sim como indivíduos em processo de socialização. Assim, a obra de Corsaro (2011) oferece uma contribuição significativa para superar as expectativas adultas limitantes e reconhecer a criança como um ser social ativo e capaz de construir seus próprios significados a partir de suas vivências.

Martins Filho (2011) realizou uma revisão de pesquisas sobre e com as culturas das crianças, no âmbito brasileiro. O sistematiza resultados de um conjunto de pesquisas envolvendo crianças como sujeitos sociais que se apropriam de valores, de comportamentos locais e do tempo que vivenciam com seus pares. As crianças são reconhecidas como sujeitos, produtores e produto de cultura, sujeitos partícipes de relações sociais constitutivas de suas vidas. Em recente estudo, o autor afirma:

A criança como sujeito social não fica à mercê da natureza. Vislumbrarmos as crianças como produtoras de culturas infantis é reconhecermos que elas transformam e interagem a partir do contato com as coisas do mundo. As crianças se apropriam da cultura historicamente já produzida, pois a cultura infantil não é uma produção criativa isolada ou à parte da cultura humanamente produzida, mesmo que reconheçamos que a criança atribui sentidos e significados próprios, construindo sua condição humana como ser social e com agência em sua dimensão individual e coletiva, produzindo cultura ao mesmo tempo que é produzida por ela. Para nós a cultura infantil materializa o pensamento e as criações das crianças entre pares (Martins Filho, 2024, p. 24).

O interesse em apresentar conceitos e problematizações que constituem a produção cultural das crianças e a heterogeneidade de suas infâncias se apresenta como arcabouço teórico para estudarmos as crianças imigrantes no contexto da Educação Infantil, isto é, “naquilo que são, no presente, a partir de seu próprio contexto e sua forma específica de ser” (Sarmiento, 2013, p. 19). Assim, compreendemos que “construir olhares diferentes para o grupo social infância – bebês e crianças – e as suas instituições de acolhimento é visibilizar e discutir seus direitos de produzir conhecimento, abrir portas para ampliar novas concepções de infância que incluam, também, as ideias de infância das próprias crianças” (Barbosa, 2007, p. 244). Nessa direção, é pertinente conceber as

crianças como sujeitos sociais atuantes em contextos sociais, investigativos e educativos.

Outra base teórica que buscamos situa-se nos estudos da filósofa Hannah Arendt (2013), que concebe a educação como possibilidade de fazer inícios no mundo como ação humana. Em razão da sua história e envolvimento com a segunda Guerra Mundial, a autora tematiza em seus estudos os direitos humanos como universais a todos. No contexto dessa reflexão, fazemos uma aproximação propondo uma indagação em relação à presença das culturas de crianças imigrantes nas propostas curriculares e pedagógicas na educação infantil: É concedido às infâncias imigrantes o “direito a ter direitos?”. No seu ensaio *A Crise na Educação*, a autora apresenta a “natalidade” como essência da educação, destacando o fato de que “os seres humanos nascem para o mundo” (Arendt, 2013, p. 223), afirmando que é pelos processos educativos que se tornam humanos. O mundo para os recém-chegados tem normas, regras, um patrimônio cultural construído pela humanidade, que é formada pelos adultos e pelas crianças. Portanto, na relação geracional é que se estabelecem e se iniciam mutuamente no mundo, o que exige o reconhecimento da tradição como a possibilidade de construção do novo. Trilhar esse caminho com as crianças, em especial, com o arcabouço cultural que trazem e que produzem, além de redimensionar o fazer-fazendo docente, proporciona, certamente, o reconhecimento e a inserção das diferenças na educação. Além disso, as diferenças são potenciais que ampliam e adensam os repertórios infantis, assim como as propostas curriculares e pedagógicas da Educação Infantil. E é nelas que notamos também as manifestações culturais das infâncias imigrantes.

Pensar as diferenças como potenciais da cultura infantil, em uma perspectiva da educação intercultural e intergeracional, permite assumir a educação como ação humana que inicia no mundo os recém-chegados, por meio da relação e da interação entre e com os diferentes, apostando, desse modo, na renovação do mundo.

Para adensar a discussão, recorreremos aos estudos de Sousa Santos (2010) e Candau (2016), que oferecem relevantes contribuições para a proposição de uma educação intercultural. A educação intercultural busca, além do diálogo, promover processos de desnaturalização de determinados conhecimentos, concebendo a cultura como algo inacabado e genuíno. Para

isso, Candau (2016) explora a noção de igualdade nas diferenças e, Sousa Santos (2010), propõe o pensamento pós-abissal, a ecologia dos saberes e a hermenêutica diatópica. Candau ratifica com Sousa Santos (2010) a possibilidade de uma educação intercultural que valorize os saberes tidos como científicos e não-científicos, por meio de um diálogo horizontal, garantindo igualdade nas diferenças, noção relevante para problematizar a produção de culturas para e com as crianças imigrantes.

Os autores também colocam a participação como pilar dos processos democráticos e de valorização, não só das vozes plurais, mas das vozes que emergem das diferenças, entendidas como potentes ao processo de educação como formação humana, pois mostram a interdependência mútua de saberes como científicos e não-científicos. Em seus estudos, os dois autores apontam que as diferenças culturais se sobressaem no âmbito escolar, porém, algumas vezes, os docentes encontram dificuldades em inseri-las nas práticas pedagógicas e educativas.

Nessa perspectiva, Sousa Santos (2010), com a sua “ecologia de saberes”, contribui fortemente para compreendermos como a escola, por meio da proposição e mobilização de suas práticas educativas, poderia organizar a educação intercultural por meio da valorização dos saberes e do diálogo de forma horizontal. Conceito central para a discussão de nossa temática, o qual é fundamental para a educação intercultural, pois a sua definição segue pela visibilização e o confronto dos saberes de tal modo que se constitua “a inter-relação dos saberes assumidos como científicos e, com outros saberes, considerados não científicos” (Candau, 2016, p. 87).

Na seção seguinte, apresentamos o caminho metodológico, bem como analisamos dados oriundos das observações, das conversas e dos registros escritos no diário de campo.

Caminhos metodológicos e algumas reflexões sobre as culturas infantis imigrantes

Os caminhos metodológicos definidos para este estudo são de inspiração etnográfica, ancorados na pesquisa com crianças e na análise interpretativa (Graue & Walsh, 2003). As ferramentas metodológicas adotadas envolveram observações das crianças nos espaços educativos, conversas com as crianças,

famílias e profissionais e registros em diário de campo, o que proporcionou um olhar sensível sobre as manifestações culturais das crianças imigrantes na Educação Infantil.

Pesquisar, considerando o método interpretativo e ético da pesquisa com as crianças e as profissionais, exige “aprender a retratar toda a riqueza das vidas das crianças nos inúmeros contextos em que elas se movem” (Graue & Walsh, 2003, p. 22). Para tanto, as observações visaram redimensionar o olhar da pesquisadora do ordinário ao extraordinário, em específico, considerando o que não é comum às lentes da investigação. Compreendemos que o delineamento metodológico é, contudo, um movimento de ação e de transformação, especialmente no que diz respeito às ferramentas utilizadas, à postura de negociação com os colaboradores da pesquisa e aos caminhos teóricos selecionados para a geração e interpretação dos dados.

Na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, observamos diariamente os desafios de comunicação verbal enfrentados pelas crianças imigrantes na instituição educativa, fato esse que trouxe inquietações sobre a produção cultural dessas crianças, suas pertencas étnico-raciais e a presença de suas culturas originárias na relação com seus pares e os adultos. Na instituição educativa era perceptível notar elementos de diferenciação cultural, principalmente: a linguagem verbal, as brincadeiras, as vestimentas e a culinária. Em conversas com as profissionais, fomos reunindo alguns relatos sobre a presença das crianças imigrantes em suas salas de referências. Vejamos:

Prof A: No meu grupo há crianças Argentinas que trocam algumas palavras para português.

Prof B: Na sala há uma única menina que só usa roupa da Argentina.

Prof C: No meu grupo tenho duas crianças Argentinas, que só se comunicam em espanhol, às vezes não compreendo nada.

Prof D: No meu grupo há uma menina que nasceu no Brasil, mas viveu todo tempo no Equador. A família me contou um relato da menina, que disse o seguinte: Nessa escola ninguém escreve, só brinca. Também tenho um menino da Palestina que se comunica na língua inglesa e, às vezes, tenta incluir palavras em português. Ele e sua família usam roupas típicas. A mãe sempre vem com véu e faz a tradução do que falamos no celular. Faz poucos dias que entrou um menino Argentino que está com dificuldade de interação com os colegas, não brinca, fica sozinho e não fala nada em português. Bem, é difícil essa situação com a quantidade de crianças que temos.

Prof E: No nosso grupo temos um menino de Senegal que por vezes usava vestimentas africanas, bem coloridas, e sua mãe também vinha vestida nas festas das famílias. Ele se comunica bem, fala português conosco, mas com sua família fala francês. Uma outra menina que entrou no grupo, vinda da Argentina, ainda não percebemos muitas situações, além da fala em espanhol, pois ela está há poucos dias. Também temos outra menina Argentina que está, faz 2 anos, conosco. Ela já se acostumou e fala português. A família comentou conosco que a avó já não entende mais a menina porque agora fala "portunhol" e relata que a dificuldade agora é no seio familiar (Diário de Campo da Pesquisadora).

Fernandes (2016, p. 771) é assertiva em seus estudos ao anunciar que as crianças "possuem informações importantes, que não será possível alcançar de outro modo que não seja por meio de suas vozes e ações, sendo fundamental criar espaços e tempos para que tal possibilidade possa ocorrer". Na instituição educativa constatamos que tais espaços e tempos são pensados na interlocução com as crianças imigrantes ou brasileiras de forma mais recorrente nos processos de socialização fora da sala de referência, geralmente no refeitório, no parque, na área externa do pátio; visto que no interior das salas de referências, observamos as professoras envolvidas com as atividades e as crianças imigrantes, na maioria das vezes, participando de maneira a reproduzir o modelo apresentado pela professora, sem muita autonomia e criação.

Na sequência, destacamos algumas conversas realizadas com as crianças e suas famílias, as quais apresentam questões sobre a pertença cultural das crianças e suas manifestações na instituição educativa. Os relatos revelam alguns desafios que as crianças enfrentam em interagir e socializar com outras crianças e adultos. Tais dificuldades são demonstradas nos momentos das propostas direcionadas na sala de referência, envolvendo as brincadeiras de regras, e no refeitório, especialmente em aceitar a alimentação, algo que se evidenciou com maior força. Nesse momento, o choro e o isolamento estavam presentes entre as crianças imigrantes, talvez pelo fato de se sentirem deslocadas, com saudade de seus lugares de origem e, em especial, da língua em que se comunicavam (espanhol e francês) e da comida, com seus sabores e cores. E, sobretudo, porque não raras vezes se sintam incompreendidas. Em algumas situações os próprios profissionais não conseguem compreender suas solicitações, ou as crianças imigrantes não entendem o que eles solicitavam, situação que também ocorria nas interações entre pares.

O conjunto de registros a seguir traz conversas entre as crianças, delas, com os profissionais e, destes, com as famílias. São situações que refletem aspectos de suas culturas e demonstram os desafios de estar vivendo e pertencendo ao contexto educativo brasileiro.

Prof G.: Do que você brincava na Argentina?

Menino A: Brincava com a Alexia. E também com esses brinquedos de madeiras, tipo pião. Lá tem muitos brinquedos de madeira e aqui não.

Prof G.: Você já se acostumou em estar aqui?

Menino A: Não, não gosto daqui! Nessa escola ninguém me entende, quero voltar para o meu lugar (Diário de Campo da Pesquisadora).

É muito recorrente a constatação de que as crianças se sintam deslocadas do seu local de origem, manifestando a saudade dos familiares que ainda permanecem em seus países de origem. Ou, ainda, expressando que querem preservar a língua materna e os modos de ser e estar no mundo. A próxima conversa envolveu uma família cubana e a profissional da instituição educativa. A conversa aconteceu durante a entrevista de admissão da criança imigrante à escola:

Prof G: Vocês são brasileiros?

Família 1: Não, somos cubanos, mas a menina é brasileira!

[A menina, que brincava com as bonecas e os bonecos, se aproximou e disse:]

Menina B: Olha, igual o do papai!! [Apontando para a genitália do boneco, o que causou constrangimento na família]

Prof G: Calma, não há problema, serão essas pistas que constituirão nossa proposta com o grupo.

[Retomando a conversa sobre as características e preferências da menina, a profissional indagou:]

Prof G: O que vocês ensinam sobre a cultura cubana para a menina B?

Família: Nós ensinamos a cantar e a falar nossa língua, não queremos que ela perca nossas origens mesmo estando em outro país.

Prof G: Vocês cantam com ela? Qual música?

Família: Cantamos “catubembê” enquanto ela se balança na gangorra. É uma brincadeira na gangorra e cantamos enquanto ela brinca (Diário de Campo da Pesquisadora).

Há urgência da escola redimensionar seu papel educativo e investir na produção do diálogo cultural por meio da permeabilidade “à influência cultural das suas comunidades de inserção” (Sarmiento, 2005b, p. 33). O autor explica

que a escola precisa estar permeável às outras culturas que a compõem, pois, ao evitar isso se perde a sua identidade enquanto instituição educativa. O papel a ser desempenhado pela escola configura-se por meio de um projeto educativo de dentro da escola para a comunidade, e vice-versa. Sendo assim, trata-se de uma inserção comunitária da ação educativa, o que

[...] compreende a interpretação das práticas educativas no contexto dos estabelecimentos de ensino em territórios de exclusão social como uma componente de políticas sociais, que ganha a plenitude do seu sentido na articulação de dois pólos: a intervenção pela mudança das estruturas sociais promotoras da exclusão (lado a lado com outros parceiros; com efeito, sozinha, a escola pode quase nada!) e o atendimento da especificidade dessa intervenção pela escola enquanto organização de (para) crianças e jovens e instituição que lida com o intercâmbio e a comunicação de saberes (Sarmiento, 2005b, p. 34).

Parece ser urgente e necessário que o ambiente da escola seja espaço e tempo de ações educativas permeáveis a outras culturas. Pensar nessas outras culturas nos remete às crianças imigrantes que frequentam as nossas instituições educativas. Desse modo, lançamos uma questão aos profissionais: O que é ser uma criança imigrante na escola? Com a pesquisa, o que constatamos são currículos que não contemplam as crianças imigrantes, pois, como evidenciamos, no momento das atividades de conhecer o mundo e a si mesmo, a cultura da criança imigrante fica sem ser referenciada, aparecendo de forma superficial e não sendo contemplada nas atividades e propostas pedagógicas. Estudos e pesquisas sobre as crianças imigrantes revelam que o contexto educativo enfrenta dificuldades de compreensão da diversidade cultural que se apresenta. Além de estar distante geograficamente do lugar de origem, há aspectos temporais, sociais e relacionais que desafiam as crianças imigrantes em suas manifestações culturais na instituição: “se elas são estrangeiras, em alguma medida, nós adultos, também somos” (Dorneles, Marques, Marcelo e Feitosa, 2019, p. 20).

Cabe salientar que a instituição educativa pesquisada, em seu Projeto Político Pedagógico, apresenta proposta para conhecer e apresentar a cultura dos povos originários e afro-brasileiros. Há um movimento direcionado para desenvolver ações junto à brinquedoteca e à horta, utilizando materialidades e desenvolvendo atividades com livros de literatura infantil, artefatos indígenas e

africanos, por meio de pinturas faciais, culinária, grafismo indígena, tintas naturais, contação de histórias, jogos e brinquedos. Outro ponto saliente que observamos no Projeto Político Pedagógico da escola foi a formação docente em serviço, com momentos definidos para tratar das questões sobre as relações étnico-raciais, com base no estudo e discussão do documento oficial da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Nos encontros de formação é feita a problematização com as profissionais de propostas pedagógicas antirracistas, as quais proporcionam às crianças experiências potentes e ampliam seu repertório cultural. Nesses momentos também são propostas situações educativas que visam a organização de espaços pedagógicos contendo variadas materialidades para as crianças, além de se buscar artefatos pedagógicos inclusivos em relação às culturas afro-brasileira e indígena junto à Secretaria de Educação. Tais atividades encontram amparo no Projeto:

Sendo a educação infantil um espaço privilegiado de encontro de diferentes práticas, narrativas culturais e sociais e de atendimento qualificado, exige-se que se reconheçam as diferentes crianças e famílias que advém de várias localidades do Brasil, assim como muitos estrangeiros que compõem este nosso cenário educativo. E partindo da ideia de que todos são capazes de serem educados para a convivência humana e solidária, buscamos garantir propostas que continuassem valorizando a inclusão e o respeito às diferenças nessa comunidade educativa (Projeto Político Pedagógico, 2023, p. 23).

Assim, a instituição educativa apresenta um movimento em relação à diversidade cultural dos povos originários e afro-brasileiros, realizando a formação descentralizada, a leitura de livros de literatura infantil e o empenho em adquirir materiais pedagógicos que apresentam a diversidade cultural presente na sociedade contemporânea. Porém, tal movimento ainda não tem um alcance no fazer-fazendo da docência na sala de referência no que se refere, especificamente, às crianças imigrantes. Se foi possível visualizar alguns elementos de exploração e ampliação de repertório em relação às crianças originárias de povos afro-brasileiros e indígenas, quase nada se notou em relação às crianças imigrantes. De todo modo, as percepções trazidas soam como alerta sobre a importância de se conduzir novas investigações com

crianças imigrantes nas instituições de Educação Infantil, pois trata-se de uma dinâmica que cresce no contexto da educação e precisa ser problematizada.

Considerações finais

Nosso estudo discorreu sobre a produção cultural das crianças imigrantes e seus atravessamentos sociais e culturais, bem como o lugar, o tempo, os espaços e as relações que as acolhem considerando a variedade cultural das mesmas no contexto da Educação Infantil. As análises apontam para a relevância da escuta atenta e sensível às crianças imigrantes em suas manifestações culturais e para a necessidade de um olhar atencioso por parte dos profissionais a essas diferentes culturas, permitindo um contato concreto, favorecendo a narração e o compartilhamento de experiências e sentimentos.

A produção de culturas pelas crianças exprime a cultura societal em que se inserem de forma distinta das culturas adultas. São culturas produzidas pelas meninas e pelos meninos, que a elas reagem e as atualizam, com sua forma de simbolizar e significar o mundo. A inteligibilidade infantil na produção cultural, em um tempo e espaço contemporâneo, sinaliza para a discussão do conceito de “entre-lugar” (Bhabha, 1998). O entre-lugar é o intervalo de tempo entre o que é socialmente pensado e construído pelos adultos para as crianças e a resignificação instituída pelas crianças a esse lugar e tempo por meio de suas ações coletivas, de suas culturas de pares, tal como analisa Corsaro (2011).

Consideramos que as crianças imigrantes produzem constantemente um entre-lugar como algo pensado pelos adultos, mas recriado por elas na medida em que potencializam suas necessidades e manifestam a leitura que fazem do contexto educativo no qual estão inseridas. As culturas infantis não são puras e genuínas. Elas são permeadas por instâncias culturais e são produzidas na interação entre os grupos geracionais com base em suas realidades sociais e culturais. Ficou mais evidente essa integração de culturas entre as crianças do que entre as crianças imigrantes e os adultos.

Compartilhamos da ideia de pedagogias participativas, pois estas possibilitam que avancemos na aproximação de conhecimentos sobre as meninas e os meninos, nativos ou imigrantes. As pedagogias participativas oferecem subsídios para conhecer suas relações e manifestações culturais, bem

como para investirmos na transformação da escola pública num espaço que aceite a diversidade de culturas. Essa transformação poderá originar “potenciais emancipatórios para as crianças”, os quais necessitam que os adultos aceitem a negociação de princípios “e discursos sobre e com elas, infundindo desta forma outros significados à prática educativa e às relações intergeracionais” (Sarmiento, 2007, p. 39).

Pensar nas manifestações culturais das crianças imigrantes na Educação Infantil, considerando a diversidade de culturas que trazem em suas bagagens e aquelas que são inseridas nos espaços educativos, nos faz pensar nas crianças em sua condição de agentes culturais, que criam e ressignificam de forma inventiva saberes, interesses e necessidades. Refletimos em nosso estudo como essas manifestações culturais são visíveis ou invisíveis aos olhos dos adultos ou como as instituições educativas precisam repensar cotidianamente suas propostas pedagógicas, para que façam sentido às vidas e às realidades das crianças imigrantes.

Retomando nossa proposição inicial – de compreender as manifestações culturais das crianças imigrantes – podemos dizer que elas estão implícitas e explícitas nos modos de ser e estar no mundo: explícitas, quando compartilham seus saberes nas interações entre pares, por exemplo, com as brincadeiras, as cantigas e as histórias de sua vida no lugar em que viviam; implícitas, quando guardam para si as lembranças de suas culturas de origem ou preservam a sua língua materna como diferença e expressão de sua singularidade de ser uma criança imigrante.

Referências

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BARBOSA, Maria. Carmem. Silveira. Culturas Escolares, Culturas de Infância e Culturas familiares: As socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100, p. 1059-1083, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300020>. Acesso em: 15 mai. 2025.

BHABHA, Homi. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e

bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB nº 20/2009**. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, aprovado em 11 de novembro de 2009.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. “Ideias força” do pensamento de Boaventura Sousa Santos e a educação intercultural. *In*: CANDAU, Vera Maria (org.). **Interculturalizar, decolonizar, democratizar**: uma educação ‘outra’? 1 ed. Rio de Janeiro: Letras, 2016. p. 76-96.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DORNELES, Leni Vieira, MARQUES, Circe Mara, MARCELO, Fabiana Amorim, FEITOSA, Antônio Genivaldo, FORTES, Gabriel. Ser criança imigrante: uma experiência em escola pública de educação infantil, no sul do Brasil. *In*: MÜLLER, Verônica Regina (org.). **Criança em Itinerância**: histórias, culturas e direitos. Curitiba: Appris, 2019.

FERNANDES, Florestan. As ‘trocinhas’ do Bom Retiro: contribuições ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis. **Pró-Posições**, v. 15, n. 1 (43), jan./abr. 2004. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2238/43-diversoeoprosa-fernandesf.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2025.

FERNANDES, Natália. Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21 n. 66 jul.-set. 2016, p. 759- 779. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782016216639>. Acesso em: 15 mai. 2025.

FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal de. Secretaria Municipal de Educação. **Matriz curricular para a educação das relações étnico-raciais na educação básica**. Florianópolis: Prefeitura Municipal, 2016.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. **Projeto Político Pedagógico**. Núcleo de Educação Infantil - Neim Clair Gruber, 2023.

GRAUE, Elisabeth; WALSH, Daniel. **Investigação Interpretativa com crianças**: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Guibenkian, 2003.

MARTINS FILHO, Altino José. **Minúcias da vida cotidiana no fazer-fazendo da docência na educação infantil**. 2013. 305 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2013.

MARTINS FILHO, Altino José. Jeitos de ser criança: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na ANPED. *In*: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia (orgs.). **Das pesquisas com crianças à**

complexidade da Infância. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. p. 81-106.

MARTINS FILHO, Altino José, PRADO, Patrícia Dias. **Das Pesquisas com Crianças à Complexidade da Infância**. São Paulo: Autores Associados, 2011.

MARTINS FILHO, Altino José (Org.). **Criança Pede Respeito**: docência na educação infantil além da A4. Tubarão: COPIART, 2024.

ROCHA, Jeruza da Rosa da. **Prática Pedagógica e Participação das crianças na escola**. 2014. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3190/ROCHA,%20Jeruza%20da%20Rosa%20da.pdf;jsessionid=E6BDF704341FA93D675ACF8E67D305D5?sequence=1>. Acesso em: 15 mar. 2025.

ROCHA, Jeruza da Rosa da. **Participação e relações interculturais entre meninas e meninos e suas professoras em contexto escolar**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/5596/Jeruza%20da%20Rosa%20da%20Rocha.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 abr. 2025.

ROCHA, Jeruza da Rosa da; NÖRNBERG, Marta. “Tem gente caminhando pra lá e para cá”: caminhar com as crianças – a pesquisa em contexto campesino. **Revista Espaço Pedagógico**, [S. l.], v. 27, n. 3, p. 901–917, 2021. Disponível em: <https://ojs.upf.br/index.php/rep/article/view/12390>. Acesso em: 12 mai. 2025.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SARMENTO, Manuel. Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005a. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a03v2691.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2025.

SARMENTO, Manuel. Jacinto. Crianças: educação, culturas e cidadania activa Refletindo em torno de uma proposta de trabalho. **Revista PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 23, n. 01, p. 17-40, jan./jul. 2005b. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9857>. Acesso em: 12 mai. 2025.

SARMENTO, Manuel. Jacinto. Culturas infantis e interculturalidade. *In*: SARMENTO, Manuel Jacinto; DORNELLES, Leni Vieira (org.). **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2007. p. 19-40.

SARMENTO, Manuel. Jacinto. A sociologia da infância e a sociedade

contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. *In*: TEODORA, R. GARANHANI, M. C. (orgs.) **A sociologia da infância e a formação de professores**. Curitiba: Champagnat, 2013. p. 13-46.

Editor(a) responsável: Marta Nörnberg.

Recebido em: 20/03/2025.

Aceito em: 20/12/2025.

Jeruza da Rosa da Rocha – In memoriam

Doutora em Educação (2019) e Mestrado em Educação (2014) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Graduação em Pedagogia (2011) pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Santa Catarina, na linha de Políticas Educacionais, Formação e Trabalho Docente (2024). Professora da Rede Municipal de Florianópolis/SC. Pesquisadora do NAPE - Laboratório e Grupo de Pesquisa Didática e Formação Docente.

 <http://lattes.cnpq.br/4818851552251155>

 <https://orcid.org/0000-0003-4635-5942>

Altino José Martins Filho

Historiador (UFSC). Pedagogo (UNINOVE). Especialista em História Social (UDESC). Mestre em Educação e Infância (UFSC). Doutor em Educação (UFRGS), com ênfase em Estudos sobre Infâncias. Pós-doutor pela UDESC. Professor credenciado e permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (UDESC) e Pesquisador/coordenador no Laboratório de Pesquisa Didática e Formação Docente/NAPE.

 altinojosemartins@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/1255764205897401>

 <https://orcid.org/0000-0003-1260-2992>